

DISCURSO JORNALÍSTICO SOBRE GEOPOLÍTICA NA LÍBIA: LE MONDE E CAROS AMIGOS

JOURNALISTIC DISCOURSE ON GEOPOLITICS IN LIBYA: LE MONDE AND DEAR FRIENDS

GUSTAVO HENRIQUE DE ALMEIDA FERREIRAⁱ & PEDRO HENRIQUE MENDES DE OLIVEIRAⁱⁱ

Universidade Federal de Uberlândia
ⁱgugadageo@gmail.com, ⁱⁱpedro_mo32@yahoo.com.br

RESUMO. Este trabalho pretende analisar os retratos da situação política da Líbia no discurso jornalístico de duas revistas nacionais: *Le Monde Diplomatique* e *Caros Amigos*. Em 2011, o país passou por uma insurreição popular que culminou numa Guerra Civil e da derrubada (e morte) do coronel-ditador Muamar Kadafi. O coronel governou o país entre 1969 e 2011. Por sua vez, restringiremos o trabalho no discurso jornalístico das duas revistas de circulação nacional, especialmente, em dois artigos publicados no mês de abril/2011. Para alcançar esta análise, teremos como subsídio a teoria da Análise do discurso jornalístico e a teoria da Geopolítica da Cultura. Eventos sociais como esse compõem o movimento da história. Quando livres de interpretações interessadas (e interesseiras) são fatos (verdades); quando registrados pela mídia, são transformados em notícias. E o que acontece com o discurso jornalístico: “falsificam-se os eventos, já que não é propriamente o fato que a mídia nos dá, mas uma interpretação, isto é, uma notícia” (SANTOS, 2006, p. 40). Dizemos isso na tentativa de mostrar e explicitar os diferentes discursos presentes no embate social, que estão refletidos no campo da divulgação das notícias feita pela mídia de massa e pela mídia alternativa. Sendo a mídia de massa aquela que tem o maior alcance social e o maior custo de veiculação nos meios de comunicação – exato oposto da mídia alternativa. Os primeiros resultados desta análise dos textos evidenciam-se o fato de que a Líbia possui grandes jazidas de petróleo: por isso o interesse de potências ocidentais em relação à “estabilidade” política e econômica do país. Em relação às notícias jornalísticas que chegam ao Novo Mundo, vindas da Líbia, podemos utilizar alguns conceitos da Geopolítica da Cultura para compreendê-las. O primeiro conceito, imaginário internacional, “refere-se a imagens dos meios de comunicação sobre países estrangeiros e a realidade internacional” (ASTORGA, 2000, STEINBERGER, 2003 *apud* STEIBERGER-ELIAS, 2005, p. 65), e é acompanhado pelo conceito de ordem geopolítica: “um determinado estado de coisas estabelecido através de uma rede de ações e relações espacialmente projetada para a distribuição de poder” (STEINBERGER-ELIAS, p. 65). Esse duplo conceito é fundamental para a criação do *status quo* jornalístico, uma vez que projeta a sensação de se estar retratando fielmente a realidade, quando na verdade o que acontece é o contrário. Daí surge o discurso homogeneizante e impreciso, cunhado em um ponto de vista exterior, muitas das vezes ocidental e preconceituoso.

PALAVRAS-CHAVE. LÍBIA, MÍDIA, DISCURSO JORNALÍSTICO, GEOPOLÍTICA.

ABSTRACT. This study aims to examine the portraits of the political situation in Libya journalistic discourse of two national magazines: *Le Monde Diplomatique* and *Dear Friends*. In 2011, the country underwent a popular uprising that culminated in the Civil War and the overthrow (and death) of dictator Colonel Muammar Gaddafi. The colonel ruled the country between 1969 and 2011, in turn, will restrict the work in journalistic discourse of the two national magazines, especially in two published in April / 2011 articles. To achieve this analysis, as we grant the theory of analysis of journalistic discourse and theory Geopolitics of Culture. Social events like this make up the movement of history. When free interpretations interested (and self-serving) are facts (truths); when recorded by the media, are transformed into news. And what about the journalistic discourse: “falsify the events themselves, since it is not really the fact that the media gives us, but an interpretation, ie, a news” (Santos, 2006, p 40.). We say this in an attempt to show and explain the different discourses present in the social struggle, which are reflected in the field of dissemination of news made by the mass media and the alternative media. As the mass media that has the greatest social impact and the higher cost of serving the media - exact opposite of the alternative media. The first results of this analysis of the texts show up the fact that Libya has large deposits of oil: why the interest of Western powers in relation to the “stability” and economic policy of the country. Regarding news reports that reach the New World, coming from Libya, we can use some of the concepts Geopolitics of Culture to understand them. The first concept, international imaginary, “refers to images of the media on foreign countries and international reality” (Astorga, 2000 STEINBERGER, 2003 *apud* STEIBERGER-ELIAS, 2005, p. 65th), and is accompanied by the concept geopolitical order:

“a certain state of affairs established by a network of actions and relations spatially designed for the distribution of power” (STEINBERGER-ELIAS, p 65.). This dual concept is fundamental to the creation of journalistic status quo, since it projects the feeling of being faithfully portraying reality, when in fact what happens is the opposite. Hence the homogenizing and imprecise speech, coined in an outside point of view, often Western and prejudiced arises.

KEYWORDS. LIBYA, MEDIA, JOURNALISTIC DISCOURSE, GEOPOLITICS.

SOBRE O CONFLITO NA LÍBIA

Em um primeiro momento, iremos apresentar aqueles fatos, que podem ser chamados de “verdades”, sobre os acontecimentos do começo de 2011 na Líbia, como encontrados na mídia de massa.

A movimentação do poder, responsável por evidenciar uma alteração no humor político da população do país, acontece na noite do dia 15 de fevereiro. Uma multidão de manifestantes marchou rumo à penitenciária de Abu Salim, na cidade de Benghazi, segunda maior do país, com o intuito de libertar o militante de direitos humanos Fethi Tarbel.

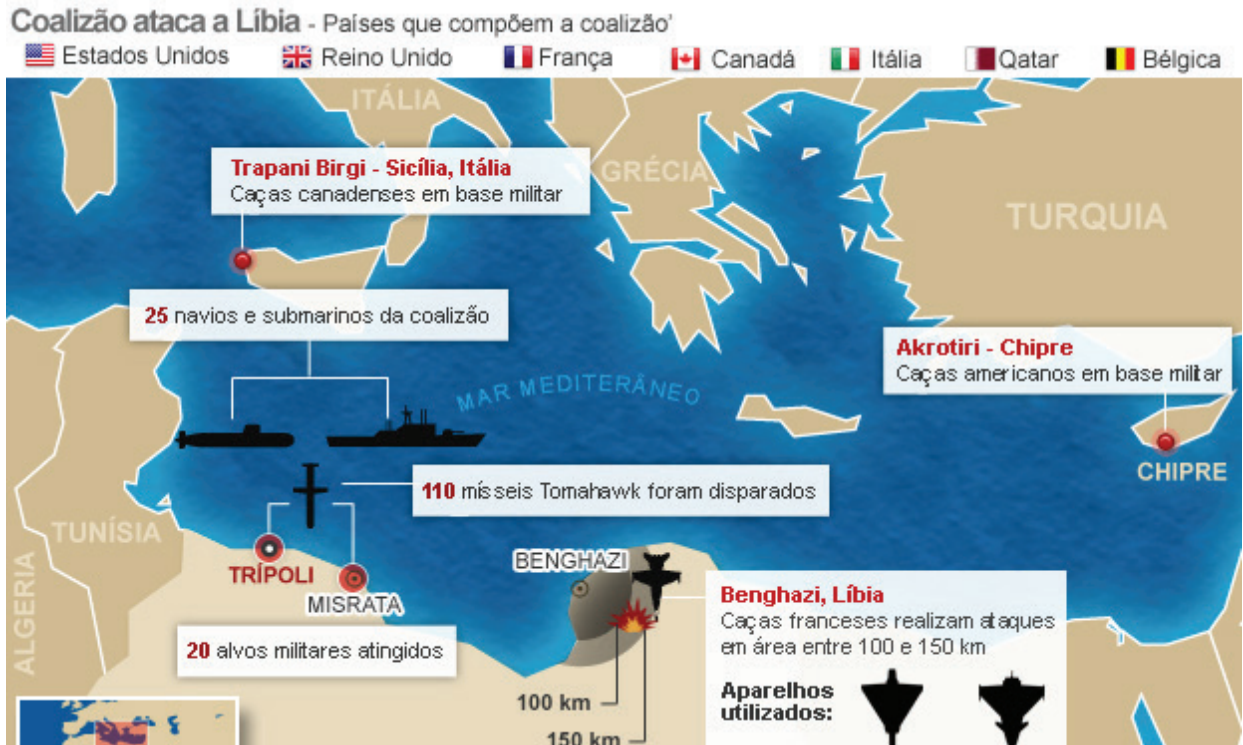
Mesmo com a libertação de Tarbel, não satisfeitos, os manifestantes passaram a reivindicar a renúncia do primeiro-ministro Baghdadi al-Mahmoudi. No dia seguinte (16 de fevereiro) a revolta contra o primeiro ministro tomou outros rumos. Transformou-se em uma insurreição contra o governante do país, o coronel Muamar Kadafi. Kadafi governou a Líbia entre 1969 e 2011 (ano de sua morte), quando aplicou um golpe militar contra o Rei Ídris (responsável em 1951 pelo fim da colonização italiana).

Nos dias posteriores novos protestantes, seguindo a convocação de internautas em redes sociais do país, juntaram-se ao movimento de insurreição em outras cidades do norte como Trípoli (capital) e Sirte.

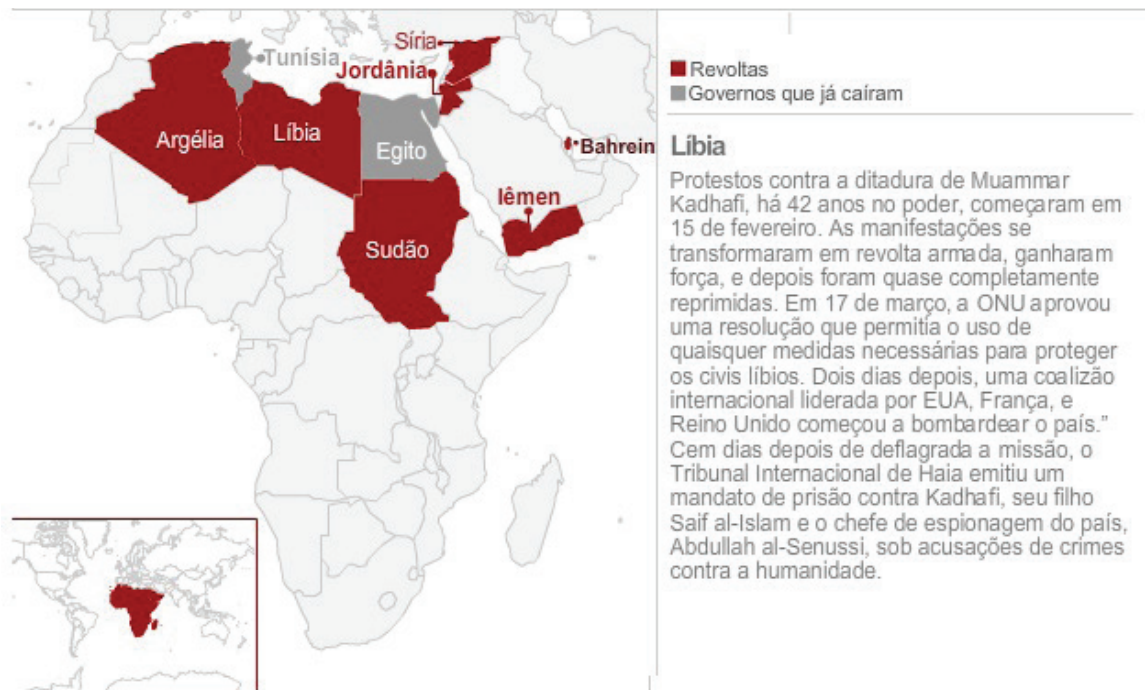
No dia 21 de fevereiro o filho de Kadafi, Said Kadafi, pronuncia a posição do governo em relação aos revoltosos. Na semana seguinte, helicópteros atacam a população tendo como resultado um amontoado de 230 corpos (posteriormente, o ditador seria condenado pelo Tribunal Penal Internacional por crimes contra a humanidade). Diante desse fato, o Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) aplica a resolução 1973 que autoriza a criação de uma Zona de Exclusão Aérea na Líbia (HUSSEIN, 2011), posta em prática no dia 17 de março, pela Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) e comandada por Inglaterra, França e Estados Unidos, como é visto no esquema um.

Esses acontecimentos fazem parte de uma onda de revoltas populares no Norte da África, que já derrubou governantes na Tunísia e no Egito. São revoluções populares que tentam acabar com governos ditatoriais, no poder desde o início da década de 70 do século XX, ligados ao aumento da corrupção, sucateamento dos serviços públicos e diminuição da qualidade de vida. Esses países foram os primeiros e talvez não sejam os últimos onde acontecerá esse tipo de revolta: da Argélia ao Sudão, da Síria ao Iêmen, divisamos um horizonte de possíveis conflitos. Veja o esquema dois.

Eventos sociais como este compõem o movimento da história. Quando livres de interpretações interessadas são fatos (verdades); quando registrados pela mídia são transformados em notícias. E o que acontece com o discurso jornalístico: “falsificam-se os eventos, já que não é propriamente o fato que a mídia nos dá, mas uma interpretação, isto é, uma notícia” (SANTOS, 2006, p. 40).

ESQUEMA 1 – Posicionamento das tropas da OTAN para o ataque à Líbia.

Fonte: Portal G1. Disponível em: <<http://tinyurl.com/G1-ataque>>. Acesso em: 29 jun. 2011.
Org. FERREIRA, G.H.A.; OLIVEIRA, P. H. M. (2011).

ESQUEMA 2 – Levantes no mundo árabe

Fonte: Portal G1. Disponível em: <<http://tinyurl.com/G1-levantes>>. Acesso em: 29 jun. 2011.
Org. FERREIRA, G.H.A.; OLIVEIRA, P. H. M. (2011).

Dizemos isso na tentativa de mostrar e explicitar os diferentes discursos presentes no embate social, que estão refletidos no campo da divulgação das notícias feita pela mídia de massa e pela mídia alternativa. Sendo a mídia de massa aquela que tem o maior alcance social e o maior custo de veiculação nos meios de comunicação – exato oposto da mídia alternativa.

SOBRE O DISCURSO JORNALÍSTICO

Neste segundo momento apresentaremos algumas peculiaridades relacionadas à construção do discurso jornalístico. Como sabemos o jornalismo é conhecido por sua capacidade de relatar os acontecimentos da história da humanidade de maneira “neutra” e “exterior”, sem deixar-se influenciar por qualquer opinião que possa existir sobre um acontecimento da realidade. Não poderia ser diferente, afinal, é dessa capacidade, de apresentar a verdade de maneira imparcial, que vem sua razão existencial.

Porém, o jornalismo não se encontra em outro lugar que não o mundo que pretende descrever. A mídia “é imperfeita, complexa e inacabada como ele, em seu interior se movem sujeitos plenos de pensamentos, ideias e interesses a defender” (JACKS; MACHADO, 2001, p. 01). Fica claro que, ao escrever um texto, o jornalista expressa sua subjetividade diante do fato que pretende informar.

Além disso, um indivíduo pode separar-se em vários sujeitos. Por exemplo: uma criança não pede algo para a mãe da mesma forma que pede ao pai. Tal situação, como Jacks e Machado (2001) revelam, demonstra o que Foucault chama de “dispersão”: diante de diferentes situações da vida social somos forçados a nos posicionar de maneiras distintas, escolher a partir de variadas opções de palavras e atitudes adequadas. Isso acontece porque o sujeito que fala usa o recurso conhecido como formação discursiva, ou seja, uma regra de posicionamento no discurso adquirida na convivência social.

Mais uma vez, Jacks e Machado (2001) encontram um pensador com teorias que têm a capacidade de esclarecer o discurso jornalístico como conhecemos: o filósofo francês Michel Pêcheux. Este autor amplia a explicação do conceito de formação discursiva, destrinchando-o em três vias: ilusão discursiva, formações imaginárias e formações ideológicas.

A ilusão discursiva diz respeito a dois tipos de esquecimento, sem os quais não existiria o enunciado. O primeiro é a ideia de que o sujeito coloca-se como fonte única de toda informação apagando a existência de falas posteriores. No segundo, o sujeito se esquece de que seu discurso opta por determinadas formas de expressão em detrimento de outras existentes.

Em relação a formações imaginárias, aquele que escreve sempre se desloca entre duas linhas paralelas e imaginárias. A posição que ocupo e a posição que ocupa o meu interlocutor. O jornalista sempre fala pensando quem é e qual é o perfil do leitor para quem escreve.

Sobre as formações ideológicas, “um discurso nunca se dá fora do contexto social, está sempre em relação com a exterioridade” (JACKS; MACHADO, 2001, p. 06), ou seja, tudo aquilo que pensamos deriva da maneira como fomos ensinados a ver o mundo, as coisas que o compõem e a nós mesmos, portanto, está expresso naquilo que escrevemos. Complementarmente, Oswald Ducrot (uma terceira contribuição de Jacks e Machado), insatisfeito com as vozes discursivas existentes, locutor e autor, introduziu a voz do enunciador, que é um ponto de vista, uma perspectiva de quem fala. “O locutor é quem fala, o enunciador é aquele ‘a partir de quem se vê’, interpelando

o sujeito para que se coloque como locutor naquela posição” (JACKS; MACHADO, 2001, p. 07).

Referindo-se às notícias jornalísticas que chegam ao Novo Mundo, vindas da Líbia, podemos utilizar alguns conceitos da Geopolítica da Cultura para compreendê-las. O primeiro, imaginário internacional, “refere-se a imagens dos meios de comunicação sobre países estrangeiros e a realidade internacional” (ASTORGA, 2000, STEINBERGER, 2003 apud STEINBERGER-ELIAS, 2005, p. 65), e é acompanhado pelo conceito de ordem geopolítica: “um determinado estado de coisas estabelecido através de uma rede de ações e relações espacialmente projetada para a distribuição de poder” (STEINBERGER-ELIAS, p. 65). Essa dupla conceitual é fundamental para a criação do *status quo* jornalístico, uma vez que projeta a sensação de se estar retratando fielmente a realidade, quando na verdade o que acontece é o contrário. Daí surge o discurso homogeneizante e impreciso, cunhado em um ponto de vista exterior, muita das vezes ocidental e preconceituoso.

Por último, o:

mundo social é constituído e articulado em função de um sistema de significações imaginárias. Uma vez constituídas, elas existem como imaginário efetivo e torna-se referência para compreendermos as escolhas de cada simbolismo institucional (...). Um sistema de significações imaginárias valoriza e desvaloriza, estrutura e desestrutura, hierarquiza e desorganiza esse conjunto de objetos e atos (STEINBERGER-ELIAS, p. 71-72).

Concluindo sobre as notícias jornalísticas, “falar de técnicas jornalísticas não deve fazer supor que o jornalista domina recursos ou meios racionais que levem a fins necessariamente previsíveis” (STEINBERGER-ELIAS, p. 69).

REVISTA LE MONDE: E O FIASCO

A Revista Le Monde Diplomatique é uma publicação mensal originária na França em 1954. Sua orientação editorial é predominantemente de centro-esquerda, aborda assuntos como cultura e política, e segue a opção pela independência jornalística. Publicada em vários países, inclusive no Brasil, servirá para esta análise sobre os acontecimentos geopolíticos da Líbia.

No seu número 45 (ano 04) do mês de abril de 2011, a revista anuncia na capa um conjunto de reportagens sobre o país africano. Iremos analisar aquela escrita por Serge Halimi (diretor de redação da revista na França e doutor em ciências políticas pela Universidade Paris VIII): “As armadilhas de uma guerra”.

Quando as Forças Rebeldes da Líbia foram massacradas como prometeu o filho de Kadafi em seu discurso e “rios de sangue” brotou no norte do país, a ONU viu-se forçada há prestar ajuda a população civil permitindo a criação de uma Zona de Exclusão Aérea posta em prática pela OTAN. Halimi identificou em tal atitude motivo de descrença, já que “o balanço passado das expedições ocidentais impede que se de algum crédito” a tentativa presente da Organização de encerrar o conflito. Ainda sobre este assunto, o diretor de redação acrescenta: “a intervenção militar franco-anglo-americana ameaça torna-los [os insurgentes] devedores de potências que nunca se interessaram por sua liberdade”.

Muamar Kaddafi ao aplicar o golpe militar que instituiu a ditadura na Líbia por 40 anos, o fez empunhando a bandeira do não alinhamento ao espírito capitalista e bradando contra as potências econômicas ocidentais (França, Inglaterra, Estados Unidos) hinos de anti-imperialismo. Com o transcorrer dos anos “passou da ditadura anti-imperialista ao despotismo pró-ocidental”, o que fica claro quando as mesmas potências que impuseram sanções econômicas ao governo do ditador aceitaram sua aliança na Guerra contra o Terror.

Outro fato interessante apontado por Halimi em seu texto, é que o governante líbio alega ter sido vítima de um complô pelo controle das reservas de combustíveis fósseis do país “contudo, o petróleo já é explorado pela Companhia Americana Occidental, a britânica BP e a italiana ENI”. Além disso, chama a atenção para “o silêncio de vários governos latino-americanos de esquerda (Venezuela, Cuba, Nicarágua e Bolívia) a respeito da repressão que [Kaddafi] ordenou”, “é desconcertante” visto que “a oposição do guia líbio ao ‘Ocidente’ é pura fachada”.

Por fim, o autor descreve o espírito do “Orientalismo ao Contrário” (termo cunhado pelo pensador sírio Sadik Jalal Al’Azm após a Revolução Iraniana de 1979) que permeia as motivações por trás do recente comportamento revolucionário dos povos árabes:

Longe de temer que a defesa das liberdades individuais, a liberdade de consciência, a democracia política, o sindicalismo constituam prioridades ‘ocidentais’ maquiadas em universalismo emancipador, os povos árabes as tomam para marcar a sua recusa do autoritarismo, das injustiças sociais, dos regimes de polícia que infantilizam seus povos, ainda mais espontaneamente, porque são dirigidos por anciãos. (HALIMI, 2011, p. 29).

CAROS AMIGOS: DOMINAÇÃO PELO PETRÓLEO

Lançada em abril de 1997, Caros Amigos é uma revista de periodicidade mensal que reúne vários pensadores brasileiros com objetivo de criar um meio de comunicação alternativo a cena jornalística predominante. Segundo a própria revista tornou-se “referência de publicação contra-hegemônica, alternativa e de reflexão crítica do pensamento neoliberal”.

José Arbex Júnior, jornalista e escritor brasileiro graduado na Universidade de São Paulo, escreve o artigo “Imperialismo derrama sangue pelo petróleo líbio” na Revista Caros Amigos em sua 169ª edição (ano XV) no mês de abril de 2011, que escolhemos para jogar luz sobre os acontecimentos no território líbio.

Da mesma forma que Halimi, Arbex Jr. manifesta uma opinião contrária aos ataques da OTAN na Líbia. Para ele, o ataque “produziu duas reações antagônicas e igualmente delirantes”: 1º) a operação militar seria capaz de salvaguardar a vida dos opositores do ditador Kaddafi; 2º) manifestações em defesa do regime anti-imperialista do governante. Ambas irreais por motivos óbvios, um ataque aéreo só provoca mais vítimas e, o governante há muito é um aliado das potências ocidentais.

Na visão do jornalista, a investida da OTAN não passa de uma tentativa de manter nos eixos o país e “garantir o fluxo de exportação de petróleo” já que “o volume exportado caiu para menos de 50% dos níveis normais”.

Arbex Jr. sedimenta sua argumentação trazendo para o plano de discussão a opinião de um economista canadense chamado Michel Chossudovsky, este afirma que a operação militar batizada

de Odyssey Deawn (“Alvorecer da Odisseia”) é uma pequena etapa de uma grande agenda militar que busca obter o controle de 60% das reservas de petróleo e gás natural do Médio Oriente e Ásia Central. O autor concorda com a hipótese, “especialmente quando se considera que os principais redutos rebeldes estão situados justamente nas áreas mais ricas em petróleo”.

Seguindo o raciocínio, o escritor apresenta-nos a divisão política da Líbia, que existe desde a época do Império Romano. São três regiões: a Cirenaica a leste, a Tripolitânia a noroeste e a Fezzan à Sudoeste. Esta última, “estão as principais tribos hostis ao ditador, que colocou grupos rivais no Exército e nas forças de segurança para se prevenir contra um golpe” e usou forças paramilitares que garantem sua manutenção no poder para reprimir os protestos.

Enfim, a reportagem chega a seguinte conclusão, o ataque à Líbia não tem como vítima um pilar da resistência anti-imperialista nem é obra de uma “madre Teresa de Calcutá”:

Trata-se de uma imensa manobra militar do imperialismo de grandes consequências – mesmo que a hipótese de Chossudovsky não venha a ser completamente comprovada –, que deve ser firmemente repudiada pelos povos do mundo e por todos que se alinham na luta contra o imperialismo. Isso não se identifica com a defesa de Muamar Kadafi. ‘Fora OTAN e fora Kadafi’[...] (ARBEX JR, 2011, p. 7)

CONCLUSÕES

Sem dúvida, o grande impasse que limita e controla as verdades expostas através dos discursos jornalísticos é o fato de que este deve ao mesmo tempo manter o nível de alienação das massas – criar um cenário adequado para sua manipulação; e manter informados aqueles a quem realmente interessa a configuração da situação política mundial – para que as ações econômico-estratégicas possam ser eficientes.

Na verdade, sabemos que a informação é controlada por poucas empresas que monopolizam as notícias. De acordo com Santos (2006), cinco empresas globais controlam mais de 90% da informação noticiosa produzida no mundo. Tal dado faz parte daquilo que o autor chama de “globalização como fábula”, ou seja, evidencia um mundo comandado pelo dinheiro que produz uma violência da informação e um discurso único, dispensando o debate e a pluralidade de ideias. De fato, as notícias são uma interpretação da realidade, realizada de forma interesseira e que tem por finalidade confundir a realidade, e não explicá-la.

Nas duas revistas, conseguimos entrever uma tentativa de desanuiar o firmamento das reações imediatas à situação político-social na Líbia. Tanto Halimi quanto Arbex Júnior nos mostram aquilo que os olhos não conseguem enxergar, quando olhamos para a “poluída” rede de informações mundial sem a ajuda de poderosas “lentes oculares”.

Quando os autores apontam a inefetividade da criação de uma Zona de Exclusão Aérea pela ONU, subsequentemente implantada pela OTAN, estão destruindo o que poderia vir a ser a manutenção de um imaginário social construído no fato de que essas organizações nacionais têm um poder de resguardar a integridade política das Nações, quando na verdade nos ilumina Arbex Júnior, tudo não passa de um meio formal de garantir os níveis de exportação de petróleo, e segundo Halimi, (re)erguer o pilar do ódio árabe ao Ocidente.

Lembremo-nos do que diz Steinberger-Elias (2005, p. 69), o domínio dos recursos gramaticais e intelectuais necessários para redigir um texto jornalístico não faz com que aquele que o escreve sempre chegue a uma conclusão padronizada, esperada, previsível. Isso foi fundamentalmente o que pudemos apreender do contato e leitura dos artigos.

REFERÊNCIAS

- ARBEX JÚNIOR, J. Imperialismo derrama sangue pelo petróleo Líbio. *Revista Caros Amigos*, São Paulo, v. 15, n. 169, p. 6-7, abril 2011.
- HALIMI, S. As armadilhas de uma guerra. *Revista Le Monde Diplomatique Brasil*, São Paulo, v. 4, n. 45, p. 28-29, abril 2011.
- HUSSEIN, Mohamed. *Líbia: saiba quais são os possíveis cenários futuros do conflito*. Disponível: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/03/110324_analise_libia_ji.shtml>. Acesso em 29 de junho de 2011.
- MACHADO, B. M.; JACKS, N. O discurso jornalístico. In: ESTUDOS DE JORNALISMO DA COMPOS – ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 10., 2001, Brasília. *Anais...* Brasília: COMPOS, 2001. p. 1-13.
- SANTOS, M. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 13ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- STEINBERG-ELIAS, M. B. Jornalismo e imaginário internacional sobre o Mercosul. *Revista Estudos em Jornalismo e Mídia*, Universidade Federal de Santa Catarina (Florianópolis), v. 2, n. 2, p. 63-73, jul./dez. 2005.